



CASA DE CAMPO NO JARDIM DA SERRA, NA MADEIRA.

ILHA DA MADEIRA.

I.

NA DISTANCIA de 160 leguas de 20 ao gráu do Cabo da Roca em Portugal, e afastada da costa occidental d'Africa 400 milhas nauticas inglezas [$119\frac{8}{21}$ leg. portug. de 18 ao gr.] campêa nas aguas do oceano atlantico a fertil, commerciante e picturesca ilha da Madeira, provincia mui importante entre as valiosas possessões ultramarinas da nossa monarchia. Poremos de parte a fábula do seu descobrimento, enredada nas aventuras de um cavalleiro inglez a quem chamaram Machim, e de sua amada Anna Arfet; essa novella, que por muito tempo vogou como tradição historica, só teve uma cousa boa, o ter prestado assumpto á bella composição por D. Francisco Manuel de Mello, a *epanaphora amorosa*. — Passando a factos veridicos: — em 1418, dois fidalgos da casa do emprehendedor infante D. Henrique, andando por ordem de seu amo na exploração dos mares africanos, acossados de violenta tempestade, e já perdido o rumo, aportaram a uma pequena ilha a que pozeram nome de Porto-Santo, por ser o do seu salvamento. De volta ao reino, festejada a noticia de uma terra novamentê descuberta, pouco se demoraram que a não demandassem com o intuito de a povoarem, indo com elles outro fidalgo, Bartholomeu Perestrello, da casa do infante D. João: succedeu que estes povoadores levaram entre outros animaes para creação, porque a ilha era acabadamente deserta, uma coelha prenhe, segundo referem Gomes Eannes de Azurara, na Chronica de Guiné, e todos os subsequentes escriptores que delie copiaram, começando pelo auctor das Decadas; propagaram os pequenos quadrupedes de modo tal

VOL. V. JULHO 10. — 1841.

que em tempo breve crescendo a numero grande, não desmentindo a sua classificação na familia dos roedores, devastaram tanto as searas e plantios que obrigaram o Perestrello a voltar á patria, desgostoso dos hospedes, que elle proprio estabelecêra, e enfadado de semear para nada colher. Faz lembrar este caso o dos povos baleares, habitantes das ilhas do mediterraneo, Malhorca e Minorca, que tão perseguidos se viram com a multiplicação dos coelhos, como se fôra praga, que vieram ás proximas costas da Hespanha, que então os romanos occupavam, pedir socorro de gente para os auxiliar nas caçadas: andará nisto exaggeração de antigos auctores, mas o facto de Porto-Santo faz um tanto crível aquelle.

João Gonçalves Zarco, e Tristão Vaz Teixeira, primeiros descubridores, deixaram-se ficar em Porto-Santo: acostumados a avistar um negrume ao longe, conforme o estado da atmospheria o permittia, sempre na mesma paragem, determinaram-se a investigar a causa daquelle phenomeno, apesar de clamores supersticiosos: João Gonçalves Zarco, ou Zargo commetteu a empreza com um navio e alguns barcos, e tal foi sua ventura que conseguiu descobrir terra; e ao primeiro pontal que encontraram, em rasão do nome do navio, chamaram de S. Lourenço, pelo qual ainda é hoje conhecido; costeando em mares profundos, porque o são todas as aguas desta ilha, onde em muitas partes é frustrada a sonda, foram com grande pasmo contemplando aquelle elevado terreno, todo vestido de fechado e frondente arvoredo, e regado por copiosas ribeiras. — Ouçamos agora o que diz o P.^o Cordeiro, proseguindo a narração deste descobrimento — «logo ao outro dia, tres de Julho, o capitão e o piloto castelhano se metteram em um batel, e outros nobres em outro, que gover-

nava um Alvaro Affonso, e assim foram correndo a costa, junto a ella, e observando as pontas, praias, ribeiras e fontes de boas aguas; e porque uma sahia d'um seixo se lhe poz por nome Porto do Seixo; e porque n'outra parte mais abaixo acharam uns páus derrubados com o vento, mandou o capitão fazer delles uma cruz, e arvora-la alli mesmo; e ficou ao tal lugar por nome Santa-Cruz, que foi depois nobre villa da capitania de Machico. Chegando mais abaixo a uma grande e alta ponta, que a terra alli faz ao mar, viram innumeraveis aves, que se lhes vinham pôr sobre as cabeças e remos, que por nome lhe ficou ponta do Garajão, tres para quatro leguas de Machico para o occidente. Desta ponta duas leguas adiante se vê outra, que com a primeira faz enseada, muito aprasivel, rasa com o mar, e de arvoredos muito uniforme, sobre a qual se deixavam vêr os cedros então altissimos. Logo entre as duas pontas acharam uma ribeira, e lhe chamaram de Gonçalo Ayres, por nella desembarcar este nobre homem e ir ver se achava animaes ferozes e só aves achar. Repararam logo em um valle, que faz aquella bahia entre as duas pontas, e porque o viram cuberto de seixos sem arvoredos algum, cheio só de funchos, e por entre elles vindo tres ribeiras, chamaram a este porto o *Funchal*, que depois foi e hoje é a nobre cidade desta ilha; no cabo da qual estão dois ilhéus, onde passaram a noite [com as aves que tomavam] mas dormindo nos bateis; pela manhã passaram á segunda ponta que tinham observado, e por arvorarem nella uma cruz, lhe ficou por nome *Ponta da Cruz*, e logo dobrando-a deram com uma formosa praia e lhe chamaram a *Praia Formosa*. Mais adiante viram entrar no mar uma grande ribeira, a qual querendo passar a váu uns mancebos de Lagos, della foram tão arrebatados que, se lhes não acudiria o batel, perigariam nella, e por isso lhe chamaram a ribeira dos *acorridos* [soccorridos], e passando-a viram duas pontas que da ilha entravam em o mar, e entre ellas uma grande lapa ou camera de pedra e rocha viva, onde entrando os bateis, tantos lobos marinhos viram nella que lhe chamaram *Camera de Lobos*, e se recrearam matando a muitos, e até o capitão João Gonçalves Zarco daqui tomou o chamar-se João Gonçalves Camera (*valha a etymologia!*), como abaixo veremos; e porque logo se seguiu a ponta donde tinham começado esta volta, que deram pela costa a toda a ilha, por isso lhe chamaram a *Ponta do Girão*, e desta com a noite se recolheram ao ilhéu, donde tinham começado aquella volta, e em a manhã se recolheram todos ao seu navio. — Voltados logo em o outro dia para Portugal e chegados a Lisboa com taes novas e signaes da nova ilha, tanto o festejaram os serenissimos senhores reis, e nosso infante, pai e filho, que mandaram fazer logo procissões publicas de acção de graças a Deus; deram nome á nova terra de ilha da Madeira, pela muita de que estava cuberta; e elrei tomou por fidalgo de sua casa ao descobridor João Gonçalves e lhe confirmou o appellido de João Gonçalves da Camera, e lhe deu por armas um escudo em campo verde, e nelle uma torre de homenagem, com uma cruz de ouro, e dois lobos marinhos, encostados á torre com paquife (*) e folhagens vermelhas e verdes, e por timbre outro lobo marinho, assentado em cima do paquife: e demais lhe fez elrei mercê de capitão donatario da jurisdicção do Funchal, que é jurisdicção de metade da dita ilha, e de juro e herdade para elle e seus successores; e assim este ditoso capitão ficou sendo o chefe e primeiro tronco das illustres familias dos Cameras, tão es-

tendidas e augmentadas. — Entre o Camera, e Tristão Vaz Teixeira se repartiu o dominio da ilha, ficando o ultimo com a capitania de Machico, a mais selvosa, e que da parte do sul tinha quasi quatro leguas de comprimento, e quatorze da parte do norte.

Toda a historia deste descobrimento serviu de assumpto a um poema epico moderno em dez cantos, obra de Francisco de Paula Medina e Vasconcellos, natural da mesma ilha, impresso em Lisboa em 1806. Deste poema, intitulado por seu A. a *Zar-gueida*, offerecemos aos nossos leitores as seguintes estancias.

Descobre Zargo um valle ameno e fundo;
Por onde tres ribeiras serpejavam,
D'arvoredos despido, e só fecundo
Em funchos, que alli ferteis abundavam:
Os halitos fragrantés do jucundo
Funchoso valle os ares perfumavam;
Montes em meio circulo frondosos
Lhes serviam de guarda numerosos.

Deu Zargo ao valle do Funchal o nome,
E n'um lado daquelle porto amigo,
Porque de noite então descango tome,
De dois grandes ilhéus buscou o abrigo:
Alli a noite placido consome,
Sem desgosto, sem susto, sem perigo,
E quando apenas vinha amanhecendo,
Já novos mares Zargo ia fendendo.

Novas pontas e praias descobrindo
Cubertas de arvoredos emmaranhado,
Que das ondas se vê no espelho lindo,
Do seu proprio verdor como encantado;
Depois de discorrer por mar infundo,
Mar ainda até'lli nunca sulcado,
Descubriu uma praia deleitosa,
A que deu logo o nome de formosa.

Depois entrando placida bahia,
Descobre em negro marmore entalhada
Humida lapa cavernosa e fria,
Por mil mariubos lobos habitada:
Entretida de alguns na pescaria
Muita parte da tarde foi passada;
E á lapa, que de lobos era rica,
De Camara de Lobos nome fica.

Cant. X est. 30 — 34.

O primeiro assucar que se fez em toda a ilha foi cultivado neste districto, produzindo 15 arrobas, que se vendeu cada uma por cinco cruzados. Sabido é que o infante D. Henrique mandou logo transplantar para a Madeira recém-descuberta a cana do assucar, que não havia muito se plantára na Sicilia; e que da mesma ilha da Madeira foram as primeiras raizes desse precioso vegetal para a capitania de S. Vicente no Brasil. Se os vinhos madeirenses tem credito no mundo, áquelle principe infatigavel o devem que mandou buscar a Candia os pés de malvasia, que no districto de Machico vingaram melhor que em outra parte da ilha. —

Tristão Vaz, que era de nobre ascendencia, alliado por matrimonio com Branca Teixeira, procedente da illustre casa de Villa-real, teve por armas, que elrei lhe concedeu, uma phenix, a que seus descendentes accrescentaram no escudo uma cruz e uma flor de liz, brazão que foi esculpido no arco da capella de S. João Baptista na igreja principal de Machico, de que os Teixeiras eram padroeiros.

A Madeira tem 13 leguas de comprido, e 8 na

(*) As folhagens e plumagens, que sahem do elmo.

maior largura: altêa-se em escarpadas e fragosas subidas pelo norte e pelo sul para o interior, onde a parte mais elevada corre de sueste a noroeste, entre o cabo ou ponta de S. Lourenço a leste e o do Pargo ao occidente, chegando a ter alturas de mais de 4:000 pés: o *Pico-ruivo*, que é a maior summidade, tem 5:537½ pés portug. Ambos os grandes declivos da montanha, porque a ilha é toda uma serrania, são cortados de fundos valles, em geral estreitos, e interrompidos por amindadas depressões do terreno, por onde correm muitos ribeiros de aguas perennes e cristallinas, que n'alguns sitios formam pequenas cascatas naturaes. Todos estes accidentes do solo, que ora se appresenta sublime com a arrogancia das montanhas ingremes e a temerosa profundidade dos precipicios, ora se mostra gracioso pela força d'uma vegetação constante, quer espontanea, quer cultivada, pelo murmurio das aguas, e pela concurrencia de vistas apraziveis, contribuem para a fama de picturesque de que a Madeira goza entre as filhas do Oceano. E para que os leitores melhor avaliem esta excellencia da ilha, daremos rasão da gravura, que antecede este artigo. Representa ella uma face da mui aprazivel casa de campo do Sr. Henrique Veitch, consul geral britannico que foi por muitos annos no Funchal, a qual é situada na sua quinta do Jardim da Serra, a mais formosa paizagem, e uma das localidades digna de ser visitada, que na ilha se contemplam.

O *Jardim da Serra* é um valle das montanhas do interior, que mereceu este nome pela força e viço da vegetação, que o reveste. O espectador alli descobre não só um amphitheatro, como tambem um quasi completo circulo de montes, tão sómente interrompido por uma aberta para o mar, limitada mas formosa, onde está fundada, em assento eminente e em meio do valle, a casa do Sr. Veitch, com um ribeiro por cada lado, formando-se mais adiante uma bella queda d'agua, precipitada n'um barranco, donde unidos os dois ribeiros partem com engraçado curso para o mar. Da casa, e melhor do *Monte dos Prazeres*, nos limites da extensa quinta, desfructa-se uma vista variada, magestosa e ao mesmo tempo encantadora, ora levantando os olhos para as serras cubertas de arvoredos, ora volvendo-os para os ondeados terrenos cultivados no valle. — A quinta fica a duas e meia leguas para o noroeste do Funchal, á frente das duas mais importantes e productivas parochias da provincia, *Camara de Lobos*, e *Estreito*; e para ella se faz caminho por meio de territorio povoado de vinhas, que produzem o melhor vinho da ilha. Na proximidade o viajante curioso [que muitos frequentam esta paragem] pôde contemplar uma scena que infunde certo terror; porquanto magestoso, mas assustador é o aspecto do abysmo, conhecido pelo nome de *Curral das Freiras*, creado ou aberto sem duvida por algum terremoto, ou por outra espantosa convulsão da natureza, posterior á formação destas montanhas: appresenta uma profundidade de dois a quatro mil pés, conforme os varios pontos donde é observada.

O Sr. Veitch, pessoa de muitas relações e credito, tem-se esmerado em amenisar e fazer interessante a sua predilecta estancia campestre; e o tem conseguido. Dentre as varias plantações ensaiadas nesta fazenda, merece especial menção a do chá, porque fornece outra prova de que este vegetal, que muitos julgavam só proprio da China, se dará na Europa, visto que na Madeira prosperou em districto montanhoso e de temperatura mais fria que a de algumas provincias chins, que os europeus conhecem. Corrobora-se a probabilidade da acclimação do chá na

Europa com o exemplo della na provincia de S. Paulo [imperio do Brasil] onde com feliz exito e já em ponto maior se cultiva, produzindo chá comparavel, se não superior, ao melhor da China, como mostraram as experiencias modernamente feitas em Inglaterra: notando-se que S. Paulo, no interior das terras daquelle imperio, é das provincias onde mais frio se experimenta. Sabemos que um amigo nosso, vindo recentemente do Brasil, conduzia a Lisboa com bom successo uma porção de pésinhos dos arbustos do chá; bem pôde ser que esta louvavel tentativa seja a precursora da introdução d'uma nova e preciosa cultura. — O Sr. Veitch começou na Madeira por dispor dezeseis pés de chá, que obtivera em 1827: a sua plantação consta ao presente de uns quinhentos pés, proporcionando-se-lhe os meios de a dilatar ou por sementeira ou por vergontas. Attenda-se a que esta cultivação é feita em talhões ou terrados no valle abrigado do jardim da serra, quasi tres mil pés acima do nivel do mar, e consideravelmente acima do chão cultivado em vinhas, n'um local onde ás vezes cabe neve, ainda que breve se derreta; onde frequentemente ha geadas, posto que nunca haja caramello propriamente dito. O mesmo zeloso proprietario da quinta, de que tratamos, fez outro ensaio, não menos proficuo e que promette resultados de muita vantagem: dispoz no seu jardim na cidade do Funchal o *laurus cinnamomus*, canelleira de Ceylão, e teve o gosto de o vêr crescer, e dar semente em grande abundancia, gerando esperanças de que venha algum dia a possuir a ilha aquella especieria importante para objecto de cultura e de commercio. — Outros progressos agricolas tem feito a Madeira, depois de neste ponto ter passado por varias phases: apenas aberto o seio do seu terreno virgem, produziu logo o vinho e o assucar, generos exóticos, que a industria dos descobridores lhe soube extrahir: logo que a America recebeu, e reproduziu com avultados lucros, a cana assucareira, decahi a manufactura do assucar; e talvez tambem porque viariam a escacear as lenhas, tendo sido consumidos os bosques primitivos pelo voraz incendio que na ilha andou ateado por espaço de sete annos, como os nossos escriptores referem. Proggrediu porem a lavoura dos vinhos, chegando a exportação a um ponto assombroso na proporção da extensão do territorio e das difficuldades que em sua escabrosa superficie appresenta. Verdade é que poucos vinhos haverá ão generosos como os da Madeira; o decantado vinho de Constança é descendente das cepas, que da nossa ilha foram transplantadas para o Cabo da Boa-Esperança. Já chegou a exportação annual a ser entre doze e quinze mil pipas; e por uma tabella inserta no periodico, *Flôr do Oceano*, publicado no Funchal, se verá que montou no decurso dos nove annos decorridos de 1830 a 1839, a 78:746 pipas, isto é, uns annos por outros 8:749½ pipas. Parece que ou a produção diminuiu, ou o consumo fraquejou nos mercados estrangeiros; e talvez que es generos de cultura, recém introduzida, venham a reduzir mais este ramo de commercio, que poderá não offerecer d'ora em diante tantas vantagens quer ao que faz a lavoura, como ao que especula com os proveitos della. Vemos tratar da criação da cochonilha na Madeira, renovar a manipulação do assucar, augmentar a plantação do caffè; portanto se em o numero das mercadorias novas entrar o chá e as mais que nesse clima se podem obter, claro está que as forças productivas da ilha em vez de se concentrarem n'um ramo, que até agora era o principal, se hão de repartir por muitos, o que talvez dará maior proveito.

A Madeira não tem cereaes que cheguem para seu consumo, pelo que lhe vão alguns de fóra: produz porem grande abundancia de inhames, de que a gente do campo usa para alimento: tem copia de castanheiros e dá bem as fructas da Europa, e muitas dos tropicos de sabor delicioso. Exporta bastante urzella, que pelos penhascos se colhe, algum mel e cêra, e a droga chamada *sangue de drago*; é este producto uma resina da arvore dragoeiro [*dracena draco*]. Aqui faremos uma observação, que julgamos muito conveniente, porque ha pessoas que lêem as relações dos nossos antigos escriptores, e suppoem que esses homens, mais bondosos e sinceros que a pluralidade da geração actual, tomavam a peito embutir patranhas aos seus conterraneos, só pela vontade de recontar maravilhas: vêmos quanto é propenso a exaggerações o espirito humano, quanto é vanglorioso o homem que presume de maiores conhecimentos que os seus irmãos; mas é tambem certo que os nossos viajantes e escriptores historicos, por exame pessoal ou por alheias informações, foram os que mais acertadamente, e com maior exactidão descreveram as terras, que os nossos maiores descobriram e patentearam á Europa, que as desconhecia.

O P.^e Cordeiro na *Historia insulana* diz fallando de Porto Santo: — o principal arvoredado desta ilha é de zimbro e urzes, e de tantos e tão grandes dragoeiros que do tronco de um fazem não só gamela, que leva moio de trigo, mas tambem barco, que leva seis e sete homens a pescar. As fructas destes dragoeiros chamam maçainhas, que são como avelãs, doces e amarellas, e com ellas engordam os porcos, e dos taes dragoeiros sahe o sangue de drago, tão celebre nas boticas; mas tantas barcas, gamelas, e rodellas fizeram destas arvores que hoje são poucas, e geralmente é pouco o arvoredado da ilha. — Por um pé bastante copado, que existe no jardim botanico da Ajuda, podem os leitores lisboenses ajuizar da vegetação desta especie corpulenta: e melhor ainda por outro de pasmosas dimensões que ha na quinta de Angeja no sitio do Lumiar. — Vamos porem justificar a asserção do jesuita Cordeiro com o testemunho de modernos viajantes: e para não mendigarmos auctoridades buscaremos um dos mais celebres, o illustre barão de Humboldt. Diz elle que em Junho de 1799, ascendendo ao pico de Teneriffe, n'uma das Canarias, achou o nomeado dragoeiro d'Orotava, na fazenda de M. Franchi, medindo aquelle vegetal enorme quarenta e cinco pés [medida franceza] de circumferencia, um pouco acima das raizes. É cousa singular que o dragoeiro fosse, desde os tempos mais remotos, cultivado nas ilhas Canarias, nas da Madeira e Porto-Santo, posto que seja originario das Indias. Contradiz este facto a asserção dos que nos presentam os *guanches* [povos que os hespanhoes, e os primeiros descobridores acharam nas Canarias] como uma raça de homens, que nenhumas communicações tinham com os povos da Asia e da Africa. Temos mostrado quaes são as dimensões extraordinarias que adquire com o correr dos seculos o dragoeiro; mas parece-nos que os *guanches* podiam permanecer estranhos ao resto do orbe, offuscando-se as tradições da sua primitiva origem, sem que os dragoeiros sejam prova de suas relações com outros povos; por quanto acharam-se estas arvores no archipelago da Madeira, que estava inteiramente deshabitado.

O naturalista inglez, Mr. Lowe, achou que a ilha possuia 743 especies de plantas. Não é tambem escaça de gado, principalmente miudo; cria muitas aves domesticas e do ar, e no interior porcos montezes: em seus mares se tomam saborosos peixes,

numerando-se o escolar, que no reino só apparece raramente na costa do Algarve: d'agua doce só tem a enguia. O citado Lowe achou 70 especies de moluscos marinhos e uma só d'agua doce: 44 dellas são novas. — O clima é dos mais saudaveis que se conhecem, e tão benigno que a temperatura media do anno não excede 68^o Farh.; nos mezes de Dezembro e Janeiro o thermometro raras vezes desce abaixo de 60^o; anda a temperatura media da estação invernos por 63, e a dos mezes mais calmosos [Agosto e Setembro] entre 73 e 74^o; mas quando os ventos leste e sueste trazem para a ilha o suão do deserto africano, o thermometro ás vezes sobe a 85^o e até a 90^o. As chuvas não se limitam a periodo certo do anno; occorrem em qualquer estação; esta circumstancia, junta ao solo montanhoso e a esse arvoredado que ainda se conserva, fazem a ilha copiosa de aguas, e tanto que por vezes correndo em torrentes impetuosas, cahidas de grandissima altura, porque quasi toda a superficie da Madeira é abrupta e despenhada, tem causado fataes inundações. De tempos a tempos se experimentam furacões violentos. Cabia neste logar tratarmos da constituição geologica da Madeira e ilhas visinhas; não é porem possivel n'um só artigo comprehender todas as noticias, que podemos colher ácerca desta interessante provincia, pelo que reservamos esse e outros pontos curiosos para um dos numeros immediatos, em que aproveitaremos os escriptos modernos de Bory de Saint Vincent, de Bowdich, do americano Smith e do Sr. Mousinho d'Albuquerque.

Erguei-vos do profundo esquecimento.
DIAS GOMES, *Eleg.* 1.^a

O MUI esforçado portuguez, Domingos Joanne, varão esclarecido nas armas, natural do bispado de Coimbra, e provedoria da Guarda, nascido em a villa de Oliveira do Hospital, era de officio um pobre ferreiro: veio ter com elle de Sampayo um lavrador a concertar o ferro de seu arado, e cuidando que lhe trazia ferro para o calçar lhe deu uns pedaços de finissimo ouro. Então lhe perguntou o nosso ferreiro se tinha mais daquelle ferro, que compraria, ao que disse o ignorante lavrador que inda tinha boa quantidade d'elle escondido em uma deveza, entre matos, onde andando lavrando achára muito; mas sendo sabido da justiça de como achára um thesouro Domingos Joanne, querendo lançar-lhe a mão, fugiu elle para o reino de França, onde se mostrou preclaro nas armas, e tão famoso soldado, que por suas grandes cavallarias e proezas, foi grande condestavel naquelle reino, de Luiz 9.^o, em cujo real officio venceu muitas batalhas campaes, alcançando insignes victorias: comtudo vindo á sua patria, reinando elrei D. Affonso 3.^o, acabou nella cavalleiro de uma lança: fazendo nella uma capella, que inda hoje se chama dos *Ferreiros*. É toda de abobada de boa altura, do comprimento de 32 palmos e 16 de largo; todos os dias tem por sua alma uma missa, tendo um capellão para isso. A qual capella rendia 130:000 réis (*). Nella estão dois moimentos, com seus vultos, um de homem e outro de mulher, cada um de 10 palmos de comprido, e 4 de largo, sobre uns leões de pedra. Está Domingos Joanne armado, com uma larga espada na mão, sobre sua nobre sepultura, com um letreiro, que diz:

(*) E dizem os herdeiros deste grão cavalleiro, que a empenharam seus descendentes aos Amaraes de Midões, que hoje a possuem.

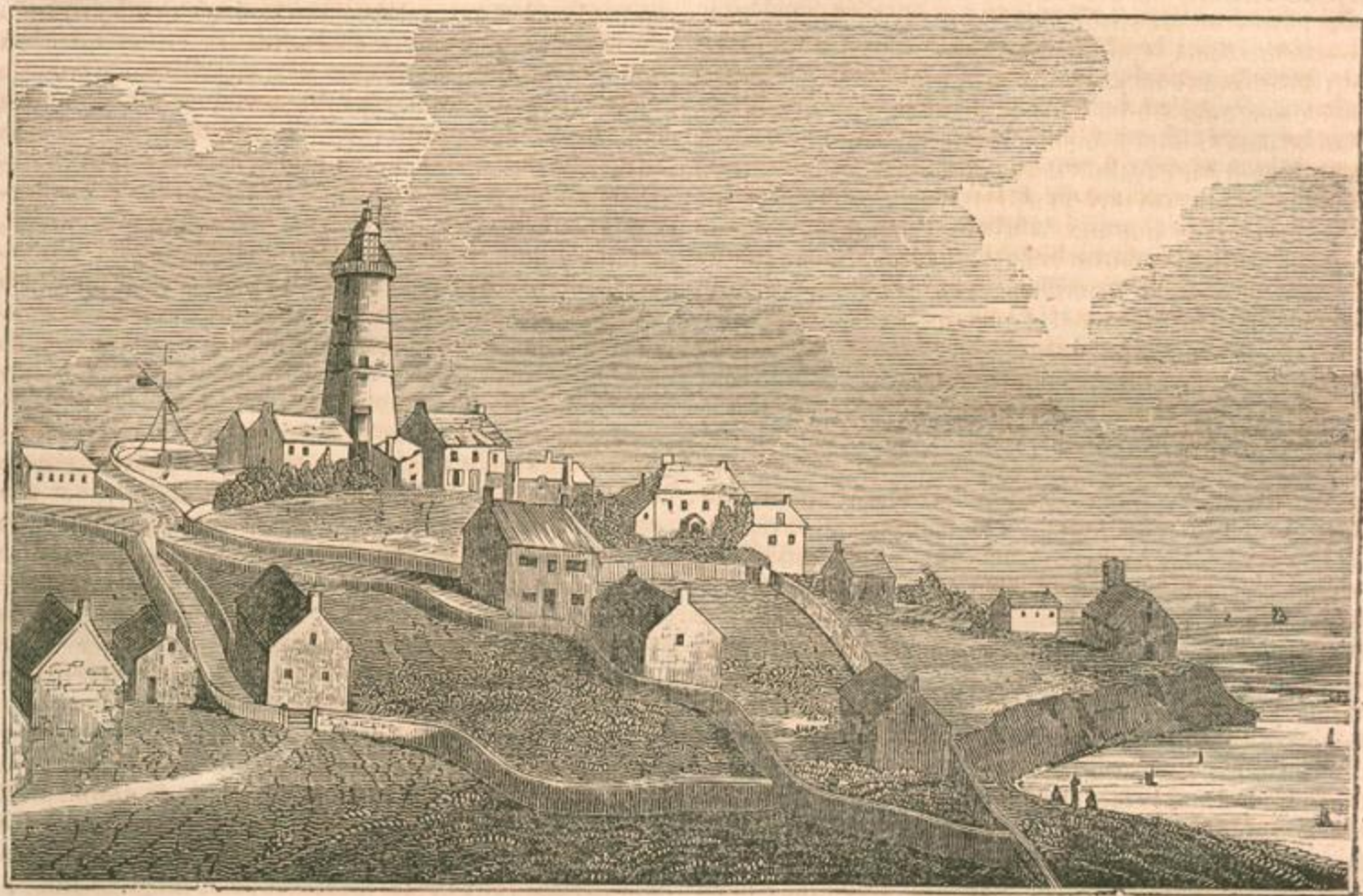
Aqui jaz Domingos Joanne.

O outro é de sua mulher Domingas Sabechaes, que está com umas contas nas mãos, e com os braços cruzados. A cabeceira delle estão suas armas esculpidas em um escudo de pedra, com quatro flores de liz douradas, e uma cruz verde atravessada por entre ellas. Em cima da parede, debaixo de uma tenda de campanha, de pedra, se vê Domingos Joanne

sobre um cavallo todo armado, com uma maça na mão sobre o hombro direito. Da parte de fóra da referida capella está este letreiro em uma pedra:

No nome de Deos, e da Virgem Maria sua Madre, Domingos Joanne, Cavalleiro de Oliveira, fez esta Capella para si, e para sua mulher na era de 1279 annos.

A. C.



PHAROL NA ILHA DE S.^{ta} IGNEZ.

SITUADAS entre os canaes da Mancha e de Bristol, tem adquirido celebridade por innumeraveis naufragios, as pequenas ilhas, que os nossos navegantes, á imitação dos francezes, denominam Sorlingas, e que os inglezes, a cujo dominio pertencem, chamam *Scilly islands*. Jazem ao sudoeste do cabo de Finisterra [Land's end], o qual é situado na provincia de Cornwall, distantes da costa obra de nove leguas geographicas ou nauticas de Inglaterra, isto é, oito leguas terrestres portuguezas de 18 ao grau com pequenissima differença. Formam um montão de rochedos, que entre si dão logar a uma multidão de canaes perigosissimos; são em numero de 140, pela maior parte inacessiveis e incultas, limitando-se a sete as povoadas, com 2:800 habitantes ao todo, que vivem principalmente da pesca e de mercadejar no canal, porquanto são robustos e ousados barqueiros. Ha um adagio entre os moradores daquelles penhascos, que diz: *por um dos nossos, que fallece de morte natural, tem morrido nove afogados.*

A antiguidade as conheceu pelo nome de Cassiterides; Strabão falla dellas. *Santa Maria* é a ilha maior, terá umas nove milhas de circuito, e contem quasi tanta gente como todas as mais. A denominada de St.^a Ignez, a mais alta entre ellas, que fica directamente lançada para o Atlantico, foi escolhida para se erigir um pharol, construido de cantaria com grande elevação, o qual é signal de muita

valia para os navegantes. No ilheu deshabitado de Trescow ha um obelisco que é tambem uma excelente marca para de dia em tempo claro, como o pharol o é para as horas nocturnas. — Tem-se observado que no decurso do anno não se contam mais de seis dias de perfeita bonança nos mares das Sorlingas!

BRASIL.

A PICADA DO MATO VIRGEM.

I.

(Fragmento d'uma viagem ao sertão.)

PRESENCIEI neste mesmo dia outra scena, cuja lembrança conservo tão viva, como se inda ha horas tivera logar. — Narra-la-hei, como costume, com todas as circumstancias, porem sem arte, que a não carece a natureza viva e animada para se manifestar bella e com toda a sua eloquencia e louçania (*).

(*) Desde que nos entendemos que estamos firmes neste parecer, cuja primeira idea recebemos de Addison se nos não enganamos. Já antes da nossa moderna estada no Brasil, com que tantas impressões recordámos e recolhemos, tentáramos dar disso algumas provas. — Sirva de exemplo por ser do leitor conhecida a pag. 86 e 87 do vol. 4.^o do Panorama. N'um dos precedentes numeros veria tambem o leitor a tal respeito o artigo de um nosso collaborador acerca *Das naturaes tendencias da futura litteratura brasiliense*, segundo as idéas de F. Denis.

(F. A. F.)

Continuando nesse mesmo caminho, que fraldeja o mato virgem ainda por vezes devassado do gentio, vi sair delle alguma fumaça, e applicando mais a vista distingui uma aberta, em logar onde as arvores haviam sido cortadas a eito, como na Europa se costuma para fazer um aceiro. Suppuz com razão que não era trabalho de indios bravos, ou bugres; e por isso recommendando aos da comitiva que esperassem, encaminhei-me só para essa banda, — cortando atravez do campo, cuja vegetação quasi que exclusivamente constava da conhecida praga dos pastos desses sitios, denominada dos habitantes *barbas de bode*. Chegando á beira do mato, vi que se trabalhava em abrir um caminho, ou para melhor dizer uma simples picada. E como fosse embargado, pela muita ramalhada que juncava o chão, de proseguir a cavallo, apeei-me esperançado de encontrar gente perto. Tendo largado as redeas de rasto [meio de que ahí se servem para conter sem fugir o animal manso], fiz signal de chamamento ao meu pagem, e apontei para o cavallo assim solto, dando-lhe a entender que tomasse delle conta; e deixando ficar o poncho sobre o selim, — de espingarda na mão rompi pelo mato. Enxergando um carreiro mais trilhado resolvi segui-lo; porque me occorreu que devia ir dar á roça ou *capuava*, donde sahia o fumo. E com effeito, depois de varios rodeios, lá fui ter, appresentando-se repentinamente a meus olhos uma extensa arrotéa, á qual se havia largado fogo alguns dias antes, e todavia ainda em muitas partes fumegava a *coivara*. — Que magoa não era ver ahí meio queimados troncos d'arvores gigantes, que haviam tranquilladas vivido seculos, em que tão celebres e famosas destruições tiveram logar na face da terra. — Destruições essas feitas nas obras, que já a mão do homem substituirá ás do Creador! — Tambem a estas arvores, creaturas do mesmo Ente, era chegada a sua vez. — Que dó não era ver cahido por terra o duradouro araribá, lavrado do fogo, que lhe devorava as entranhas, e que, apezar da sua tendencia devoradora, ainda mostrava repugnancia em lhe chegar ao coração! — Que dó não era ver reduzido a tições o cerne de tantos troncos da rija e elevada cabriúva, prestantissima nos engenhos d'assucar; — a util e balsamica peroba de madeira amarella analoga ao vinhatico; as proficuas canelleiras de varias cores tão empregadas para taboado! — Que dó não era ver o resinoso jatáby, com seus fructos de polpa amarella, junta á dura e resistente massaranduba; e os guapos cedros de madeira vermelhaça, de facil lavor, ao pé da brancacenta guaratan, que apenas se deixa rachar — por via da dureza, indicada em lingua tupi pela ultima syllaba do seu nome! — Que dó não era emfim ver quasi de todo consumidas infinitas arvores, que existentes desde quando não ha memoria sobre a terra viram neste anno decretada e executada sem appelação a sentença da sua morte. Porem que? Dirá alguém — Prohibiremos que se cultive e rotée a terra? — Não, de nenhum modo. E quem pediu tal? Isso valéra o mesmo que odiar o progresso da civilisação, filha toda da arte que não obra da natureza. — Façam-se roças sim e no maior numero possivel; mas por conveniencia propria, por interesse dos vindouros, por utilidade publica, — por pejo de censuras estranhas, ao menos respeitem-se os annos paus de construcção, que a lei manda reservar, e que por esse mesmo motivo são chamados *paus de lei*. Porem como diziamos a roça estava feita: tratava-se da sementeira. Nada mais se precisa para esta do que abrir á estaca na terra covas, depois de queimada a ramagem, e botar nas mesmas

covas as sementes, que constão ordinariamente quasi só de milho ou feijão. Nesta tarefa andava occupado um trabalhador captivo, que me deu mostras de não ser canhambola ao saudar-me, pronunciando a seu modo a phrase introduzida nestes paizes do interior desde a primitiva, em que para ahí a levaram os colonos que haviam sido maritimos, e que della usavam, como ainda hoje usam os dos navios portuguezes e brasileiros que navegam o Atlantico. — «Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo» me disse — e eu lhe retribui com o sabido: — «Para sempre.» — É natural que esta saudação, usada tambem em algumas terras de Portugal, tivesse principio em tempos das guerras de christãos com infieis; e que a inventassem para lhes servir de senha e contrasenha. Perguntei então ao negro aonde era seu senhor. — «Senhor branco está lá no fim da picada, sim senhor» — me respondeu elle, com a sua pronuncia africana, e sem lhe esquecer as duas ultimas palavras de que fazem demasiado uso os negros captivos de todo o Brasil, como se se honrassem de fallar muita vez na palavra senhor, já que o não podem ser. Resolvendo-me — ir ao fim da picada, lhe disse adeus, e recebendo novamente o seu «Louvado», voltei pelo mesmo trilho até dar com o projectado caminho e segui por elle — com todo o cuidado [que todo era pouco] — buscando os logares que offereciam piso mais seguro e mais livre e desembaraçado de tantos troncos atravessados. Infinitamente variada era a vegetação moribunda que se desenrolava a meus olhos. — Haverá ahí leitor que, sem se ter sensibilizado no meio de um mato virgem americano, possa dessa vegetação fazer uma cabal idéa? Que possa accumular a um tempo só de imaginação essa alluvião de arvores infinitamente variadas, que até agora deram flor, fructo e sementes em alturas enormes, fóra do alcance de olhos humanos, e vistas só do firmamento? Tantas qualidades de alastrados cipós que se enleivavam nos pés do viandante? Todos os espinhosos caragoatás floridos de escarlata, que, se muito captivavam os olhos, quasi como se aborreciam pela lida necessaria ao seu desvio? — As outras immensamente variadas parasytas, que só por si ornam de todas as cores os matos assenhoreando-se das forcaduras dos galhos velhos? — Haverá ahí leitor que possa a tudo isto associar as diversas qualidades de musgos e barbas de pau, e sobre tudo a reunião em uma só de duas ou tres arvores muito differentes cujos pés se enroscaram entre si, como por enxerto de garfo praticado de industria, sendo a final impossivel reconhecer qual foi originariamente a arvore mãe, que amamentou as outras filhas, que por fim lhe hãode roubar a existencia quando tenham sugado a ultima gota de seiva! Certo que não haverá quem sem ter visto reuna de tudo um quadro perfeito; mas tambem não haverá um só que o tenha visto capaz de copiar com desempenho e fidelidade todas as bellezas que reconheceu no original.

Enlevado em taes contemplações teria eu caminhado obra de um quarto de legua, — quasi de todo deslembado dos perigos, a que está exposto quem anda no mato, quando se me representou ouvir sons de pancadas batidas compassadamente, e seguidas uma a uma de seu echo que se espalhava entre as arvores e ressoava quebrando-se de folha em folha. — Parei e puz o ouvido á escuta. E não ouvi mais o que julgára. Applico novamente o ouvido e apenas distingo de bem longe as melancholicas lamentações da pomba jurity, tão proprias a contristar o coração humano. — Então cahi em mim: — desconffio de que não esteja ainda proxima a gente, que

esperava, e não sei se declare que subitamente me tomou o medo.

«Eu por aqui e sósinho!?!...»

Embora: tenho uma espingarda carregada de chumbo grosso, e uma faca de marujo á cinta — Animo! —

E adiante.

Poucos passos dei afoito: os prolongados pios de alguma jacú-tinga, que estava dentro do mato, nessa paragem emmaranhado de arundineas taquaras, me fizeram recordar o que antes tinha lido, ou ouvido contar, que os índios bravos assobiam imitando esta ave gallinacea tão requestada do caçador, para o atrahir e ataca-lo de improviso, disparando um chuveiro de frechas de que irremissivelmente cahirá morto! Coitado do incauto e inexperto que acudiu ao reclamo!

Aflasto-me desse lado dondê procedem os pios e passo para a outra parte. Porem com subita rojada ramalham as taquaras visinhas. Ui! . . .

Parei e ouvi socego. — Que será? Oh terror! Se o receio de índios se chegou a desvanecer no animo timorato ahí vem quejandas lembranças de bravias onças, de peçonhentas cobras para o não deixarem tomar folego. Oh cansaço oppressor! . . .

Mas escutemos: eia: os sons anteriores não eram imaginados. Inda bem; repetem-se; ouvem-se de novo os roçadores, e se os deixei de ouvir, é porque estiveram a descansar, e agora continuam. Auxiliado da claridade que penetra pelos intervalos das arvores derrubadas, diviso alguns trabalhadores de côr, com um feitor branco. Nova rojada porem se percebe ao pé das taquaras, vou examinar pois já tenho quem me auxilie, e eis que descubro

«Ah que não sei de nojo como o conte»

só um grande lagarto que foge apressadamente: vi que o temor me tinha logrado; e não foi esta a unica vez que o rojar deste reptil, antes de o descobrir, me atemorizou mais do que a mais venenosa jararaca ussú.

Dirijo-me immediatamente ao feitor, e notei que deu mostras de se maravilhar ao ver-me alli em trajas que lhe não eram communs.

Encostado a uma corpulenta figueira do mato, formada de dois troncos que se começavam a desviar desde o pé, este homem nada mais fazia do que vigiar o trabalho dos roçadores. A regra unica que seguia na direcção da picada, cuja abertura lhe fôra confiada, era a de buscar sempre o poente pelo sol, porque nem a bussola conhecia, segundo me informei depois.

Depois de nos saudarmos reciprocamente, o informei de como deixára a minha comitiva á borda do campo, e viera ver os seus trabalhos, que por nenhum modo desejava interromper. Respondeu-me ao cumprimento offerecendo-se com mostras de ingenuidade para me servir no que pudesse: e no mesmo instante chamou um dos trabalhadores negros, a quem ordenou, como primeira demonstração de agasalho muito usada nesses logares, que fosse fazer café; no que insistiu não obstante communicar-lhe eu que não podia demorar-me, porque estava alguem á minha espera. O negro apanhou alguns cavacos mais seccos, e desapareceu encaminhando-se para um rancho proximo; o feitor começou a relatar-me o fim daquelle trabalho. Expoz-me o valor que diariamente iam recebendo os campos para pastos, e as esperanças que elle e seus socios tinham de se indemnizarem das obras e despezas, que agora faziam, quando succedesse encontrarem novos campos; — que podiam trazer as vantagens, que os de Palmas, novamente descobertos, tinham dado aos curitibanos.

Explicou-me como dirigira a extensão roçada onde eu primeiro estivera, a fim de ter ahí no anno seguinte, sem tanta despeza de transportes, sufficiente mantimento para a bandeira, com que os empresarios tencionavam entrar em novos descobrimentos.

Eis que subitamente atroou alto e sonoro estampido que se alongou por todo o bosque; e pouco a pouco forão morrendo os echos repercutidos, chegando ao ouvido á maneira de som unico continuado. A este som correspondeu — lá bem longe — o inseparavel companheiro dos matos mais sombrios — o celebre araponga (*uirá ponga*), de corpo esbranquiçado, e coruto da cabeça verdoengo em sua final methamorphose, ao qual com tanta rasão os nossos antigos denominaram *ferrador*; porque o seu canto, ou antes os seus tons agudos semelham muito os soídos que produz na bigorna o bater do martello, chamado *de penna*; — sendo os guinchos fortes do passariuho representantes das pancadas em cheio, e o gorgoio consecutivo imitador dos sons mais fracos produzidos pela continuação do bater na bigorna, em quanto o ferrador ageita com a mão esquerda o cravo ou ferradura que está atarracando.

Derrubado o jequitibá, passaram os roçadores a um coqueiro que lhe estava proximo. Não me posso lembrar de que especie era; mas estou certo de que não tinha cocos, e que em cima as espatulas estavam abertas, seccas, e cahidas para baixo, porem chôchas. O mais agil dos negros, levando á cintura uma corda de cipó — *embé*, agarrou-se ao pé do coqueiro, e alcançando-lhe o cimo ahí a prendeu; e saltando immediatamente a um cipó pendurado do galho de outra arvore visinha, deixou-se escorregar até o chão. Duas machadadas assentes pelo braço do escravo mais robusto no balofo tronco do coqueiro, bastaram para o alluir, e ajudar os que, situando-se a distancia proximamente igual á altura da arvore, puxaram dahi com força tal que a fizeram prostrar no mesmo instante; produzindo na queda menor estrondo do que o jequitibá lançado por terra.

Eu ia a retirar-me com desculpas de não ser possível deter-me por mais tempo, quando trouxeram prompto o café. — Tomei apenas alguns golles da propria caneca que me apresentaram, e dando os mais sinceros agradecimentos conseguí apartar-me. Voltei pois pelo mesmo caminho a encontrar os que já com impaciencia me deviam esperar. —

HISTORIA DA POLONIA.

HA PAIZES, assim como pessoas, a quem a infelicidade persegue constantemente. Sem fallarmos da região mais privilegiada da Europa, que devendo, pelas suas riquezas naturaes, situação, variado clima, e excellentes produções, ser respeitada entre os povos cultos, se acha agora considerada como nação de segunda ordem, transportar-nos-hemos alem do Calpe e Abyla para contemplar a heroica, porem desditosa, Polonia, antigo theatro de grandes feitos e gentilezas. Ha quasi mil annos que a nação polaca se tem tornado singularmente notavel pela sua miseravel condigão; e por isso a sua historia tanto antiga como moderna é um espelho em que as nações devem mirar-se com attenção para fugirem dos escolhos que precipitaram aquelle desventurado paiz. Depois de varias incursões de godos, hunos, e germanos, conseguiu a tribu dos esclavonios sujeitar os polacos que desde então contraíram uma extraordinaria elasticidade de character, unindo a fle-

xibilidade á obstinação, a submissão á resistencia, e o abatimento pessoal ao orgulho nacional.—É evidente que só nos referimos a classe plebea, por quanto a respeito dos nobres e ricos justo é confessar que até o seculo 12.^o houve muitos heroes que levados de juvenil enthusiasmo constituiram uma republica, ou antes uma poderosissima aristocracia, que apesar dos defeitos inherentes a esta fórma de governo talvez se houvesse sustentado se não fôra depois proclamada a monarchia electiva. Sem nos determos em referir os males que consigo trouxe tão desacordado mixto de escravidão, tyrannia, e chefe electivo, em seculos de supina ignorancia, só trataremos de dar alguma idéa do estado da Polonia no passado e presente seculo. A parte da historia da Polonia, mais interessante para os nossos leitores, parece-nos deverá ser a que começa no principio do derradeiro seculo, em cuja epocha ella se envolveu nas guerras da Suecia contra a Russia. Foi em 1704 que o grande Carlos 12.^o, rei de Suecia, expulsou do throno da Polonia a Augusto 2.^o que para nelle se sustentar se havia alliado ao Czar Pedro. — O successor d'Augusto se encostou á protecção d'Austria em 1733, e sendo deposto pelo imperador da Russia ficou a Polonia desde então sujeita á influencia moscovita. A corrupção lavrou de tal modo entre a nobreza polaca que em cada eleição se vendia a corôa a quem mais dava; porem a imperatriz Catharina 2.^a collocou no throno no anno de 1764 o seu favorecido Poniatowski com o nome d'Estanislau 2.^o — Contra este se levantou um partido sedicioso, declarando vago o throno, e apoderando-se os sublevados da pessoa do rei em a noite de 3 de Novembro de 1771. — Com o pretexto desta desordem politica entravam na Polonia tropas austriacas e prussianas, ao passo que os gabinetes de Vienna e Berlim propunham ao de Petersburgo a administração de uma parte da Polonia. Foi admittido o alvitre, e os tres soberanos sem fazerem cabedal dos protestos do rei e do senado dividiram entre si no anno de 1772 mais de metade do reino d'Estanislau, conservando este todavia o titulo de rei, mas dependendo o seu governo da vontade de um conselho d'estado dirigido pelo embaixador russo em Varsovia. Os nobres polacos excitados por esta iniquidade das tres nações visinhas formaram uma constituição para sustentarem a independencia do cercado reino, e obtiveram uma solemne promessa do rei da Prussia Frederico 2.^o de que sustentaria o throno da Polonia. Dado este passo julgou-se Estanislau nas circumstancias de resistir á oppressão de Catharina; porem esta chamando a Prussia ao seu partido acordou com aquella potencia em dividirem entre si o resto da Polonia — o que teve logar no anno de 1793. Á Prussia couberam na partilha varias provincias com 1:500:000 habitantes, e as outras, com 3:000:000 ditos, foram incorporadas na Russia, á excepção de uma de que deram posse á Austria para a contentar. O celebre polaco Kosciusko fez os maiores esforços para salvar a independencia da sua patria, e impedir ao menos que o nome da Polonia desaparecesse do mappa da Europa; porem debalde metteu hombros a tão arrojada empreza! — Este heroe com alguns batalhões de patriotas, que se sujeitaram ao seu commando, teve a necessaria coragem e habilidade para resistir mais d'um anno aos exercitos reunidos da Prussia, Austria, e Russia, expulsando-os de Varsovia e Vilna, e derrotando-os na sanguinolenta batalha de Raclawice — feitos que occupam um dos primeiros logares nos tristes annaes da Polonia. Desgraçadamente, os heroicos polacos nem tinham fortalezas, nem alliados,

nem soccorros nem armas; ao passo que ás tres potencias aggressoras augmentavam de dia para dia os seus recursos e hostes. A perda da cidade de Praga, no outro lado do Vistula, fronteiro a Varsovia começou a desanimar os patriotas, e fez-lhes conhecer a impossibilidade de salvar a independencia do paiz ainda quando houvesse mais união entre os desalentados habitantes, e apparecessem mais heroes como Kosciusko. Consumada a injusta usurpação da Polonia, o rei Estanislau se retirou com uma pensão a Petersburgo, e Kosciusko, que depois de cuberto de feridas fôra aprisionado pelo general russo Suvoroff, se estabeleceu em França, tendo-se antes curado e convescido na Russia. Paulo 1.^o indo visitar o grande heroe polaco lhe appresentou a espada que este havia perdido: — elle porem recusando recebê-la disse ao imperador « *Senhor já não careço de espada, visto que não tenho patria que defender.* » — E com effeito, Kosciusko findou os seus dias sem que nunca mais empunhasse as armas. Poucos annos depois começou o segundo periodo da historia da Polonia, no qual este desditoso paiz logrou apenas sombras de independencia. As victorias de Bonaparte despertaram o fogo patriotico dos polacos que tendo-se refugiado para o lado meridional da Europa se reuniram sob o commando do general Dombrowski, tenente general de Kosciusko, invadindo o principado de Posen e a sua capital Varsovia. — Bonaparte victorioso conseguiu no tratado de paz celebrado com a Russia em 1807 que um artigo expresso declarasse que as provincias polacas formariam um estado com o titulo de grão-ducado de Varsovia, tendo por chefe o rei de Saxonia, que promulgaria uma constituição semelhante á franceza, e tambem o codigo Napoleão. Outro artigo affiançava a Dantzick a sua independencia como republica. Porem os favores que uma nação recebe de outra são sempre suspeitosos, antes mesmo de se descobrirem os motivos que deram causa a *tanta benevolencia*. O primeiro passo de Bonaparte em detrimento da Polonia foi o da concessão de terras aos officiaes francezes, ao que se seguiu o alistamento de todos os jovens polacos para augmentar os exercitos francezes, e por ultimo o systema continental, que vedava á Polonia todo o commercio com Inglaterra, ou com qualquer outro paiz que hostiliasse a França. Esta ultima medida, prohibindo á Polonia a exportação dos fructos d'um terreno fertil, fez experimentar aos seus habitantes a sorte de Tantalos que perecia de fome no meio da abundancia.

(Continúa.)

A MAIOR parte das fructas não são indigenas da Europa; outras regiões lhas communicaram. As cerejas vieram do Ponto na Asia, trazidas pelo romano Lucullo; o nome portuguez dos damascos indica bem claramente a terra da Syria donde foram transportados, de lá vieram tambem as melhores ameixas: os figos são originarios da Mesopotamia: os pecegos diz o nosso Camões donde procedem nos seguintes versos: —

O pomo, que da patria Persia veio,
Melhor tornado no terreno alheio.

A FOME espreita á porta do homem laborioso, mas não se atreve a entrar-lhe em casa. — *B. Franklin.*

ACONTECE que a pessoa de quem se diz mal n'uma companhia é a de melhor character; assim como o fructo mais gostoso e maduro das arvores é o mais sujeito ao damno dos bicos dos passaros. — *O A. do Gulliver,*